

MARIA ALICE GOUVEIA

ROMANCE

DE COSTAS VOLTADAS

Título: De Costas Voltadas

©2019 Maria Alice Gouveia e Editorial Novembro

Autor: Maria Alice Gouveia

Coordenação Editorial: Editorial Novembro, Edições
Cão Menor

Conceção e Produção Gráfica: Editorial Novembro,
Edições Cão Menor

Capa: Arranjo gráfico por Elsa Ribeiro, utilizando
imagens de pxhere.com

1.ª edição: Fevereiro 2019

Impressão e Acabamento: VASP DPS

Depósito legal n.º: 452283/19

ISBN: 978-989-54356-2-3

Reservados todos os direitos

Editorial Novembro

Uma Editora do Grupo de Comunicação Novembro

Rua S. João de Deus, n.º 116, 2.º andar, Sala 3,

4760-162 Vila Nova de Famalicão

www.novembro.pt

telf. 252 861 330

Com o apoio:



À minha mãe e ao meu marido,
pelo apoio que me dão.

À Dr^a Avelina Ferraz, editora, e à Dr^a Narcisa Moura, gestora de eventos, da Editorial Novembro, por toda a colaboração na edição dos meus livros.

À Dr^a Adelaide Freixinho, por mais uma vez se disponibilizar a apresentar um dos meus livros.

Ao Presidente e Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, professores José Carlos Alexandrino e Maria da Graça Silva, pelo apoio à edição deste livro.

Ao professor Carlos Carvalheira, por, mais uma vez, me autorizar lançar um livro no Agrupamento Escolar da Cordinha.

À Comunicação Social e a todas as pessoas presentes no lançamento deste livro.

– A VERA –

Eu sou a Vera. Devem estranhar a minha personagem só aparecer quando a história da minha família vai tão adiantada. É que eu achei fundamental conhecerem primeiro alguns dos meus antepassados para entenderem melhor o ambiente em que fui criada.

Espero que depois das minhas colegas do colégio, Goreth e Sandra, e da minha amiga Filó lerem esta história, ganhem coragem e escrevam também a história delas, pois são, sem dúvida, histórias igualmente interessantes.

Quando eu, a Goreth e a Sandra entrámos para o infantário do colégio das freiras, não simpatizámos logo umas com as outras, o que não era de estranhar. Embora as três fôssemos oriundas de famílias economicamente acima da média, não nos conhecíamos e as nossas famílias provinham de estratos sociais distintos.

Apesar de termos de usar diariamente o uniforme, eu, Vera, não só me diferenciava das outras duas, mas de todas as outras alunas do colégio, pois eu era a única aluna do colégio que era quase sempre conduzida por um motorista.

Todos os dias da semana calçava sapatos, botas ou sandálias diferentes, com laçarotes no cabelo a condizer, assim como as pastas.

Nos primeiros tempos, até deixar de ser novidade, eram muitas as alunas que se acotovelavam à porta do colégio, para verem o motorista a abrir a porta traseira, para eu sair, e depois fechá-la, e a carregar a minha pasta até à entrada do colégio.

Apesar do meu estatuto e de ter sido criada no meio do maior luxo e mordomias, eu era muito amiga da Maria Filomena, Filó para os amigos, que era filha da Rosa Maria, uma senhora que trabalhava na casa dos meus avós, essencialmente, como cozinheira.

A Goreth e as irmãs mais velhas dela, também chegavam de carro, normalmente conduzido pela mãe delas e, raramente, pelo pai.

A Goreth era muito amiga da sua vizinha Rita. Apesar de terem a mesma idade, a vida delas não tinha nada de comum. Só aos domingos, da parte da tarde, é que a Rita conseguia algum tempo livre para ir ter com a Goreth, acabando por desabafar com ela as agruras da sua vida. Sem dúvida que a história da Rita era de todas a mais triste, por ter perdido a mãe em criança e ter sido criada sem receber qualquer tipo de amor ou de afecto.

A Sandra era a única das três que andava de transportes públicos.

Devido à sua pouca idade, e ao facto da paragem do autocarro ficar distanciada do colégio, a mãe dela pediu a uma vizinha já adolescente, que também frequentava o colégio, para acompanhar a filha durante todo o percurso, principalmente ajudá-la a atravessar as estradas em segurança.



CAPÍTULO 1

A fortuna actual da minha família foi conseguida a custo de muito suor, sacrifício e poupança, pelo Senhor António Pereira, o meu avô materno.

Os pais do meu avô António foram o Fernando e a Salomé.

Ele era oriundo de uma família que além de muito pobre era muito numerosa. Com ele eram onze filhos, tendo sido ele o oitavo a nascer.

Tanto ele como os seus cinco irmãos, varões, completaram apenas a terceira classe, o que no seu tempo, para uma família de classe baixa, era considerado uma excepção positiva.

As suas cinco irmãs não tiveram igual sorte, pois a nenhuma delas foi permitido frequentar a escola.

Desde o primeiro ano que frequentou a escola, António tinha de se levantar bem cedo, para alimentar a criação que os pais tivessem na altura, normalmente composta por galinhas, patos, coelhos, um ou dois porcos e uma burra, que ajudava os donos, como meio de transporte e para tirar a água do poço.

Nessa altura, as suas duas irmãs mais velhas já se encontravam a servir.

A mais velha, Natália, com apenas oito anos, tinha sido enviada para casa de um advogado, a fim de ajudar a tomar conta de um filho dele, recém-nascido. Todos os sábados, à noite, o patrão levava-a a casa dos pais, indo buscá-la no domingo à noite. No final de cada mês, era ao pai dela que o patrão pagava o parco salário que ela ganhava.

Dulce, com a mesma idade, tinha ido servir para casa de três irmãs solteironas, residentes numa povoação que ficava apenas a três quilómetros de distância da sua aldeia. Como uma das senhoras era costureira, não lhe pagavam nada, com a desculpa de lhe estarem a ensinar uma profissão. A

verdade, é que nos três anos que lá trabalhou, a única coisa de costura que ela fazia era tirar uns alinhavos. Enquanto ela não arranhou outra casa para trabalhar, aonde lhe pagassem, continuou a trabalhar para essas senhoras, pois para os pais, o facto de terem uma boca a menos em casa para sustentarem já era muito bom. Para não perder nenhuma refeição, em casa das ditas patroas, ela só vinha a casa durante umas horas, aos sábados e aos domingos, da parte da tarde, após a refeição do almoço e depois de limpar a cozinha, quedando-se apenas até à hora de ir preparar o jantar. As suas refeições dependiam das sobras que as patroas deixassem.

Como os três rapazes a seguir a elas tinham terminado a terceira classe, também já trabalhavam.

O mais velho dos três, Américo, andava com o pai na resina. O seu soldo mensal nem sequer lhe passava pelas mãos, pois quando o pai recebia o dele, também lhe pagavam o seu.

O do meio, Joaquim, tinha ido viver para uma quinta, como pastor de ovelhas. Apenas lhe davam um domingo de folga por mês, para ir ver a família e também, para entregar o soldo mensal ao pai.

O mais novo dos três, Orlando, trabalhava diariamente num aviário, saindo e voltando para casa de noite. Também ele entregava ao pai o pouco dinheiro que ganhava.

As duas raparigas a seguir a eles, Aurora e Domingas, tiveram melhor sorte do que as irmãs mais velhas, uma vez que os pais decidiram deixá-las em casa, para ajudarem a mãe a tomar conta dos irmãos mais novos, para fazerem as lides da casa e para ajudarem na lavoura da família.

Quando António completou a terceira classe, teve a sorte do seu tio e padrinho de baptismo, de quem tinha herdado o nome, chamá-lo para o Porto, a fim de trabalhar na tasca dele.

O padrinho tinha ido, muito novo, trabalhar para essa mesma tasca, cujos donos eram lá da terra, acabando por constituir família.

Quando os donos dessa tasca se reformaram e nenhum dos filhos quis ficar com o negócio, trespassaram-no ao padrinho do António.

Como ele comia na tasca e os padrinhos lhe compravam a roupa de vestir, todos os meses, o que ele ganhava era enviado para os pais.

Apenas quando os fregueses lhe davam alguma gorjeta, ficava com esse dinheiro.

Desde a sua ida para o Porto, a primeira vez que António voltou à terra, foi dezasseis meses mais tarde, para o funeral da mãe, que, como o povo dizia, teve *uma morte santa*, por ter ocorrido enquanto dormia.

Se até aí, fora das horas de trabalho, o pai do António andava quase sempre bêbado, a partir dessa altura, passou a beber ainda mais. Devido às bebedeiras que apanhava, deixou praticamente de trabalhar. Para piorar a situação, levou lá para casa, para viver com ele, uma mulher que gostava tanto ou mais de beber do que ele.

Aurora, que namorava, havia alguns anos, com um conterrâneo, não suportando essa situação, para sair de casa, casou-se uns meses mais tarde.

Domingas arranhou emprego junto da Dulce e acabou por também sair de casa.

Nessa altura, Jaime, que era o rapaz a seguir ao António, já trabalhava na resina com o pai e Américo, o irmão mais velho.

Não suportando a situação em que eles e os dois irmãos mais novos, Alzira e Adérito, viviam, apesar dos protestos do pai, arranaram uma casa e mudaram-se para lá, levando os irmãos mais novos com eles.

Fartos de sustentarem o vício do álcool do pai, os outros irmãos deixaram de lhe dar o dinheiro que ganhavam.

Em vez disso, todos os meses, passaram a dar algum dinheiro ao Américo e ao Jaime, para ajudarem com as despesas dos irmãos mais novos, uma vez que eles ainda não trabalhavam.

O único contacto que o pai passou a ter com os filhos era quando estava com fome e os visitava, e lhes pedia uma refeição quente e decente.



CAPÍTULO 2

Numa das poucas idas do António à terra, conheceu a menina Maria Felizarda, que era a filha mais velha da Sra. Dona Henriqueta da Encarnação e de Dom Afonso Nuno Gabriel Rafael Peres de Vasconcelos.

A família Peres de Vasconcelos, cheia de pergaminhos, era a mais distinta de toda a freguesia, senão mesmo de todo o concelho.

Por os seus descendentes directos, das últimas gerações, se entregarem apenas ao laser, e sempre que precisavam de dinheiro, venderem propriedades que tinham herdado, e o seu vasto espólio tinha ficado drasticamente reduzido.

Apesar de as suas enormes diferenças sociais, António e Maria Felizarda apaixonaram-se um pelo outro.

Sendo ela menor, e sabendo de antemão que a família dela nunca iria permitir o namoro, muito menos um casamento, os dois decidiram manter a sua paixão em segredo.

Dom Salvador era o único irmão de Dom Afonso Nuno, e tinha sido casado durante doze anos com uma fidalga, a Dona Natércia, que não lhe tinha dado herdeiros.

Quando esta faleceu, decorrido o período de luto, Dom Salvador resolveu voltar a casar.

Caso Dom Salvador viesse a ter filhos nesse casamento, para não dispersarem ainda mais a pouca herança que lhes restava, ficou acordado entre os irmãos que o melhor seria ele casar com a sobrinha mais velha, ou seja, com a Maria Felizarda.

Assim que os pais da Maria Felizarda lhe deram conhecimento de tal pretensão, ela enfrentou-os, recusando-se, determinantemente, a fazer-lhes a vontade e garantindo-lhes que ela só casaria por amor, caso contrário, permaneceria solteira.

Receando que o temperamento obstinado da filha, no dia do casamento, ainda os fizesse passar por alguma vergonha, quem acabou por casar com o tio, foi Maria Francisca, a única irmã de Maria Felizarda.

Há medida que os anos iam passando, os pais de Maria Felizarda iam-lhe apresentando bons partidos, mas ela não aceitou casar-se com nenhum deles.

Uma vez que Maria Francisca não conseguia engravidar, para desespero do marido e dos pais, não estava garantida a continuidade da linhagem.

No mesmo dia que Maria Felizarda completou vinte e um anos, atingindo a maioridade, comunicou aos pais que a razão por que não tinha concordado casar com nenhum dos pretendentes que lhe tinham proposto, era por estar apaixonada pelo António. Também lhes disse que, quisessem eles ou não, António seria o único homem com quem ela se casaria.

Depois de recuperarem do choque, choveram as ameaças de a deserda-rem e de a desprezarem, caso ela persistisse em levar a cabo a sua vontade.

Incapazes de a demoverem, e recusando-se a passarem pela vergonha de terem António como genro, sem o conhecimento dela, os pais da Maria Felizarda resolveram que o melhor seria Dom Afonso Nuno e Dom Salvador irem falar pessoalmente com António.

Quando eles foram ao Porto falar com ele, fizeram-lhe ver que a Maria Felizarda estava habituada a um nível de vida que ele não poderia, de forma alguma, manter, e que se ele a amasse de verdade, deveria querer o melhor para ela, em vez de a colocar numa situação, que a faria passar por privações e por vergonha.

Se é verdade que essa conversa não surtiu o efeito que eles desejavam, depois de muito matutar e de várias noites sem dormir, António teve de concordar que com o que ganhava não poderia proporcionar uma vida digna à sua amada.

Receoso de que essas condições, com o passar do tempo, e as privações que ela teria de enfrentar pudessem debilitar o seu amor por ele, tomou uma decisão.